

**EXPERIÊNCIAS  
ARTÍSTICAS DE  
CAMINHADAS:  
UM RELATO  
DE MEMÓRIA  
PESSOAL E  
PROCESSO  
CRIATIVO**

Karla Brunet

O isolamento social da pandemia de covid-19 levantou questões sobre mobilidade, confinamento, memória, lembranças, tempo. A rotina do dia a dia modificou-se no último ano, passamos a viver de lembranças, nos isolamos dos amigos e familiares e o trabalho ficou, ainda mais, mediado pelo computador. A tela retangular dos celulares, tablets e computadores foi nossa interação com o mundo durante meses. Esse ensaio propõe a reflexão sobre esses temas, conectando-os sempre à arte, apresentando processos de criação e como se deu a conexão e colaboração nesses trabalhos.

### MEMÓRIA PESSOAL

Estar confinada, sem poder se mexer, me sentir presa é uma das coisas mais complicadas para mim, alguém que tem a vida baseada na errância. Nos últimos anos passei por três confinamentos diferentes, um a cada ano. E junto com esses confinamentos, vieram três trabalhos de vídeo arte refletindo caminhadas – o não confinamento. O primeiro, em 2018, foi quando quebrei a perna numa trilha e tive que ficar três meses em casa de recuperação. Logo depois, produzi o vídeo “De lama e mar”. O segundo, em 2019, foi quando fiquei quase dois meses embarcada num navio da Marinha do Brasil, na expedição Antártica. Na volta, produzi o vídeo “De musgo e gelo”. O terceiro, em 2020, foi durante os meses de *lockdown* em Salvador, durante a pandemia de covid. Depois do isolamento, fiquei desesperada por longas caminhadas e produzi o “De areia e mar”.

A arte, nesses momentos difíceis, foi responsável por manter a lucidez nos confinamentos. Durante o primeiro, comecei com a ideia de pintar quadro a quadro do vídeo, de lentamente rever essa caminhada artística. Quando estava isolada pela covid, revivi a caminhada na Antártica e no segundo *lockdown* revivi as caminhadas da Praia do Forte a Imbassaí. Foram

semanas pintando um a um dos quadros do vídeo, um trabalho braçal, artesanal, corporal – como as caminhadas. A dor, que vem nas longas caminhadas, também, estava presente na criação dos vídeos pois o trabalho era repetitivo e mecânico – como o colocar um pé na frente do outro. No computador, o trabalho era abrir um arquivo, pintar, fechar. O braço e ombro cansam, doem, como nas caminhadas, os pés e quadril doem.

Nasci com as pernas tortas, ainda bebê, fiquei meses com gesso nas pernas (Figura 1). E como crescia rápido, tinha que trocar o gesso com frequência<sup>1</sup>. A infância foi com médicos e diferentes botas para tentar corrigir as imperfeições. Então, me colocaram no balé, a arte da busca da perfeição. Durante onze anos, dancei em busca dela – aprendi compromisso e a lidar com a dor. O balé é uma arte no ensinar a conviver com a dor. Estudos da neurologia e medicina esportiva (AALTEN, 2005; ENCARNACION, M. et al., 2000; TAJET-FOXELL, B.; ROSE, F., 1995) mostram que bailarinos possuem uma tolerância acentuada em relação à dor. Percebi isso quando caminhei oito horas com a perna quebrada numa trilha do Vale do Pati. Quebrei a perna no meio do vale e encontrei forças para sair caminhando com o apoio dos bastões de trilha. No percurso, o guia me perguntou se era louca ou se tinha muita tolerância a dor. Respondi que tinha feito onze anos de balé, que não era louca<sup>2</sup>.

---

1 Minha mãe conta que era difícil ter que ir toda semana trocar o gesso porque minhas perninhas cresciam. Que a parte mais tensa era o momento que cortavam o gesso, por isso, guardou até hoje um par como recordação.

2 Aqui coloco dois exemplos de vídeos com depoimentos de bailarinas sobre a dor no balé. “London’s Royal Ballet I Portrait of a Dancer: Lauren Cuthbertson”, disponível em <https://youtu.be/nTKs6RwPHGE>, e “The Pain and Euphoria of Ballet”, disponível em <https://youtu.be/oy6bA4VQfCI>.



Figura 1.

Fotos de meus gessos, que cobriam as pernas nos primeiros meses de vida.

O primeiro vídeo dessa série de *A Arte de Caminhar* foi realizado depois de três meses parada em casa sem poder mover as pernas. Entender meu corpo nessas caminhadas, suas dores e formas de movimento, me faz entender o espaço no qual transito.

Solnit (2016), em seu livro *A história do caminhar*, descreve diversas caminhadas de escritores, peregrinos, aventureiros e escaladores como forma de conhecer melhor o espaço que nos rodeia. A autora, citando Edmund Husserl, fala do

caminhar como a experiência pela qual entendemos nosso corpo em relação ao mundo. O corpo, ele dizia, é a maneira como experimentamos o que sempre se encontra aqui, e o corpo em movimento, experimenta a unidade de todas as suas partes como o “aqui” contínuo que segue na direção e através de vários “acolás”. (HUSSERL apud SOLNIT, 2016, p. 56)

O poder desse movimento das pernas – que nos torna humanos, bípedes – faz com que entendamos melhor a natureza onde estamos inseridos e nos faz entender que somos parte dela, não um ente separado (KRENAK, 2019). Nosso corpo se funde com o meio ambiente, é influenciado por ele, é moldado por ele, é dolente.

## O CAMINHAR COMO AÇÃO ARTÍSTICA

Caminhar como ação artística não é nenhuma novidade na contemporaneidade. A ação se tornou popular no final do século passado com os trabalhos de Richard Long, Marina Abramovic e Ulay, dentre outros. Hoje em dia, com a aceleração da vida urbana, se caminha cada vez menos, então, a caminhada ganha um novo olhar, vagar se torna uma ação política e uma ação artística. David Evans (2012), no livro “*The Art of Walking: A Field Guide*”, apresenta diversos artistas que se utilizam da caminhada como poética, errância, performance, desenho, linha, protesto, sátira e reflexão.

O caminhar, nos meus projetos, é uma forma de performance, de experiência do lugar, experiência pessoal, experiência artística. E, como fala Bondia (2002), para que a experiência aconteça, precisamos estar abertos a que algo nos passe. Requer parar para vagar com observação e atenção, sem juízo, sem opinião, sem informação. A percepção e nossos sentidos é que nos levarão a entender o espaço no qual nos movemos.

As caminhadas que resultaram nos projetos artísticos descritos a seguir foram parte de errâncias por lugares familiares e longínquos. Como diz Artur Rickett (apud COVERLEY, 2015, p. 69), “Alguns homens nascem com uma tendência errante no sangue, uma curiosidade insaciável sobre o mundo que está além da sua porta”. Essa curiosidade pelos lugares e pessoas foi ponto central das errâncias. O desconhecido é atraente e o fugir da zona de conforto se torna mandatório. As caminhadas são sobre o processo, não sobre o ponto de partida e chegada. A distância percorrida não é medida somente em quilômetros, mas sim em sensações e percepções.

## O CRIAR, CULTIVAR E CONECTAR ATRAVÉS DE CAMINHADAS

A seguir, apresento três vídeos<sup>3</sup> que considero como exemplos de meu criar, cultivar e conectar. São minha forma subjetiva de criar arte, neste caso, arte audiovisual e processual. O criar começa na experiência performática da caminhada e no processo lento, repetitivo e prazeroso da criação do vídeo. Aqui, minha forma de cultivar é cultivar meu contato com a natureza, me sentir parte dela. O conectar é a conexão com comunidades, cientistas e animais que encontro no caminho.

Os vídeos fazem parte do projeto A Arte de Caminhar, um projeto teórico prático sobre caminhar, sobre sair da vida urbana, da cidade, da rotina apressada e entrar na natureza. Nossa vida ficou cada vez mais acelerada, os deslocamentos de um lado para outro devem ser rápidos. Essa rapidez gerada pelo locomover de um ponto a outro de carro/metro/avião/trem não trouxe mais tempo para nós, e sim mais tempo para produzirmos. Quanto mais rápido nos locomovemos, mais ocupados estamos. Caminhar é ter um tempo para si mesmo. O ato de caminhar faz com que desaceleremos um pouco, que observemos nosso entorno. Esse projeto tem o foco no caminhar como ação artística, caminhar como um ato de arte ou meio para produção de arte. No decorrer da história, filósofos e escritores usaram da caminhada como forma de criação. A caminhada também faz parte da arte contemporânea. Francis Alys, Regina José Galindo, Susan Stockwell, Krzysztof Wodiczko, Simon Faithfull e Edith Derdyk são alguns dos exemplos de artistas que se utilizam do caminhar com ação artística.

---

3 Esses três vídeos fazem parte de um série de cinco vídeos pré-programados, com roteiros predefinidos.

Hamish Fulton, numa entrevista a John K. Grande (2004, p.135), diz:

I think walking is sacred. It is sacred because it binds land, mind, and body. Humans bind with nature in the activity of walking. My enterprise constitutes two separate paths: first the walk and second the resulting artworks. Although walks can be repeated, the days can never be repeated. Time is like a flowing river. One way.<sup>4</sup>

Nessas caminhadas, o sagrado do ato de caminhar surge no momento em que nos desconectamos da rotina da vida contemporânea e nos conectamos com o lugar que caminhamos. Nos projetos a seguir, todas as caminhadas foram longe da vida urbana das grandes cidades, são um escape para a natureza, uma forma de se conectar com o meio ambiente, relembrar que somos parte dele.

### ● DE LAMA E MAR

O vídeo “De lama e mar” veio de caminhadas realizadas na Ilha de Maré. Como parte do projeto A Arte de Caminhar, em 2018, criei a ACCS (Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade) e levei os estudantes da UFBA para caminharem na Ilha de

---

4 Tradução livre: “Acho que caminhar é sagrado. É sagrado porque une terra, mente e corpo. Os humanos se ligam à natureza na atividade de caminhar. Meu empreendimento constitui dois caminhos distintos: primeiro a caminhada e segundo as obras de arte resultantes. Embora as caminhadas possam ser repetidas, os dias nunca podem ser repetidos. O tempo é como um rio que corre. Mão única”.

Maré juntamente com estudantes da Escola Municipal Ilha de Maré. Foi uma prática conjunta dos dois grupos. Os estudantes da UFBA, como avaliação da disciplina, precisavam criar algo sobre a caminhada. Surgiram vídeos, séries fotográficas, poesia, ensaios, colagens, esculturas...<sup>5</sup>

A Escola Municipal Ilha de Maré tem características peculiares por ser uma escola quilombola, parte de políticas públicas voltadas para grupos quilombolas. O Decreto 4887/2003 entende por quilombolas os “remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade”.<sup>6</sup> E visa a “garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural”. A arquitetura da escola é diferenciada, possui um pátio central e as salas são arredondadas e individuais, organizadas em formato circular (Figura 2). As turmas e disciplinas são construídas de forma a melhor se adaptar à qualidade de vida desse grupo que ainda hoje sofre com a desigualdade racial e social.

Nessas caminhadas, os estudantes locais, juntamente com o grupo da UFBA, decidiram sobre os percursos e formas de caminhar. Fizemos uma caminhada cruzando a ilha pelo mangue e floresta, e também contornando a costa sul da ilha. Como éramos um grupo grande, dividimos as turmas em pequenos grupos para facilitar a caminhada e interação. Caminhei com estudantes do ensino fundamental e do EJA (Educação de Jovens e Adultos). No princípio, os estudantes locais não viram muito o propósito dessas caminhadas sem rumo, mas

5 Mais informações no livro *A arte de caminhar: Ilha de Maré* <http://caminhar.ihac.ufba.br/index.php/2018/11/28/lançamento/> e, também, documentações no site <http://caminhar.ihac.ufba.br/>.

6 DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003, artigo §1º [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm)

toparam o projeto. Logo na primeira caminhada, começaram a entender o projeto e se envolveram bastante. Percebi que – ao ver nosso interesse por seu território e cultura – ficaram ainda mais envolvidos e nos relataram histórias de suas vivências. Foi uma experiência incrível. Escutamos sobre as plantações de amendoim, sobre os siris que perdem a alma (siri mole), surgiu conversa sobre cobras, os arranhões e pés cravados na lama.



Figura 2.

Bolsistas do projeto e a coordenadora da escola. Foto: Karla Brunet.

Cruzamos diversos lugares, campos e tivemos a sensação de uma terra só, não mais fragmentada pela propriedade privada. O mar, a lama, a floresta, o mangue eram nossos. Lembrei de Solnit, que fala da caminhada como uma antítese da propriedade. “Se o caminhar costura a terra que a propriedade fragmenta, então invadir a terra alheia o faz como manifesto político” (SOLNIT, 2016, p. 271). Na Ilha de Maré, o importante foi nossa conexão com a comunidade quilombola para entendermos melhor sua ligação com o território e nos fazer sentir parte integrante deste também. “We perceive ourselves and our environment in interaction as we move along a path. We shape the space as we go”<sup>7</sup> (O’ROURKE, 2016, p. 43). Nessas caminhadas a ilha foi sendo criada no nosso imaginário pelas – algumas vezes – duras caminhadas na lama e na floresta.

7 Tradução livre: “Percebemos a nós mesmos e ao nosso ambiente em interação conforme avançamos ao longo de um caminho. Moldamos o espaço à medida que avançamos”.

Logo depois destas caminhadas, quebrei a perna numa trilha e tive que ficar parada três meses, com a perna imobilizada. Nesse momento, retomei os vídeos das caminhadas e decidi criar uma obra sobre essas experiências, reviver lentamente esse processo.



Figura 3.

Quadro do vídeo

“De lama e mar”.

Link: <https://vimeo.com/344940502>

O vídeo “Of Mud and Sea (De lama e mar)”<sup>8</sup> é um resultado introspectivo das caminhadas. O passo a passo é transformado em uma mistura de sentimentos, palavras, desenhos e sons. Cada quadro do vídeo foi exportado, pintado e desenhado para criar este vídeo animado. Sentir o lugar como uma esponja – absorvendo o meio ambiente – era uma forma de perceber a natureza local. Foi uma forma de diminuir a velocidade da vida cotidiana em uma cidade grande. O processo de criação de um vídeo – rotoscopia – é lento; é também uma forma de desacelerar a velocidade do vídeo (30 quadros por segundo). O processo de ter tempo para pintar, desenhar e escrever em cada quadro, constrói novos pensamentos e revive o tempo lá em uma nova perspectiva. De certa forma, “De lama e mar” (Figura 3) é um

8 O vídeo foi criado inicialmente em inglês, pois foi apresentado em um evento internacional chamado Walking Practices/Walking Art/Walking Bodies - International Encounters/Conference em Prespes, na Grécia. Disponível em: <http://icowaf.eetf.uowm.gr/>.

vídeo sobre a percepção do local e também sobre o tempo – sobre a desaceleração, sobre memória, sobre tomar tempo.

### ● DE GELO E MUSGO

Nasci na parte fria de um país tropical, mas não tolero o frio. Mesmo sem suportar o frio no rosto, nas orelhas, no nariz, nas mãos, resolvi encarar um projeto de ir embarcada num navio de pesquisa para a Antártica. Aqui, o confinamento não era em casa, sem poder mover a perna; o confinamento era num navio da Marinha Brasileira. Agora, o desejo de sair caminhando loucamente quando parávamos em portos era o mesmo de quando estava confinada com a perna quebrada. Incrível que foi o que mais senti falta trancada no navio – longas caminhadas sem destino.

O’ROURKE (2016, p. 67), ao apresentar artistas da caminhada, fala de “endurance art” para citar aqueles que nas suas caminhadas precisam lidar com ambientes desconhecidos, testar os limites do corpo e da mente. As caminhadas na Antártica tiveram essa sensação de *endurance* (resistência) pelo frio, pela neve, pela dificuldade de embarcar e desembarcar do navio, pelas condições de confinamento para chegar ao local da caminhada, pelos desafios físicos e mentais de estar num lugar tão distante.

Tanto nos dias embarcada quanto nas breves passagens pela base antártica brasileira, o contato com diversos cientistas foi ponto marcante dessa expedição. No navio, os cientistas eram dos oceanos – físicos, químicos e biólogos. Com essa interação com os oceanógrafos, conheci um pouco mais sobre as correntes, a salinidade, a convergência dos mares, os plânctons etc. Na terra, meu contato foi com cientistas que pesquisavam musgos, o que me interessou pelo tema. Quando a neve estava alta e fofa, podíamos caminhar por qualquer lugar sem

preocupação, quando a neve derretia, os musgos apareciam no nosso caminho e éramos indicados a caminhar sempre evitando pisar nas plantas.

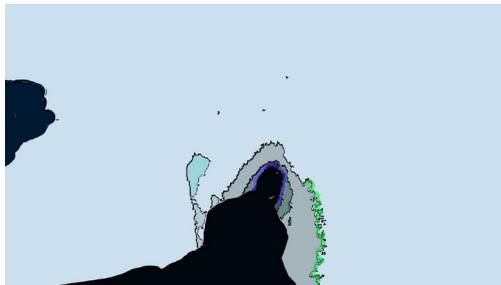


Figura 4.

Quadro do vídeo

“De gelo e musgo”.

Link: <https://vimeo.com/422140045>

De volta à casa, em 2020, durante meu confinamento da pandemia de covid-19, comecei a editar o vídeo, reviver a experiência. Pintar quadro a quadro do vídeo e refletir sobre a experiência vivida, sobre as trocas com os cientistas, sobre esse lugar utópico. Li que na Inglaterra conseguiram trazer à vida, em laboratório, um musgo que tinha sido congelado durante 1500 anos<sup>9</sup>. Esse fato mágico me fez pensar na história dessa planta tantos séculos congelada, na resiliência, na capacidade da natureza de (re)viver.

“De gelo e musgo” (Figura 4) é a narrativa audiovisual de uma caminhada no único lugar da terra que nenhum país pode explorar economicamente, nenhum governo pode proclamar ser o proprietário da terra. E a terra só pode ser usada para fins pacíficos, para pesquisa científica e cooperação científica internacional. Além disso, tem como objetivo a preservação e conservação dos recursos vivos. “De gelo e musgo” é um pequeno vídeo rotoscópico de uma narrativa de caminhadas

<sup>9</sup> URL da notícia: <https://www.livescience.com/44134-old-frozen-antarctic-moss-regrows.html>.

na Antártica. Trata-se de pisar e sentir esse lugar distante, esse lugar utópico, esse lugar dos sonhos... As caminhadas abordam a preservação ambiental – o gelo, o musgo, os pinguins – e um desejo por solidão.

## ● DE AREIA E LUA

Os meses de isolamento social, trancada em casa em Salvador, aumentaram minha vontade de longas caminhadas na natureza. A necessidade de ver um horizonte longínquo e fugir das construções da cidade cresciam a cada dia. Então, resolvi refazer uma caminhada de um pouco mais de dez quilômetros que realizei diversas vezes, na areia de Imbassaí até a Praia do Forte ou vice-versa. Essas caminhadas foram sempre baseadas nas marés e ocorreram em luas cheias ou novas, quando a maré baixa acontece no final da manhã.

Ao refazer a caminhada e filmagens, lembrei diversos desses percursos que realizei sozinha. Logo na chegada na Bahia me impressionou poder caminhar por mais de uma hora numa praia sem passar por ninguém. A vastidão do mar, da areia e dos coqueiros que não acabavam mais despertou em mim a sensação e a certeza de que sou parte desse cenário, criando um desejo de interação mais profunda com o lugar. Desta vez, em 2021, fui acompanhada, mas em silêncio<sup>10</sup>, uma nova forma de encarar o percurso, também introspectivo, mas com trocas afetivas do lugar e lembranças das outras caminhadas.

<sup>10</sup> Depois da caminhada na Antártica, onde jamais pude caminhar sozinha, meu maior desejo era caminhar sem vozes, sem muitas conversas, no silêncio. Mas como tinha ficado meses trancada em casa, sozinha, quis fazer a caminhada acompanhada, quebrar a solidão do isolamento social.

Lembrei das vezes em que percorri esse percurso de noite, com os pesquisadores do Projeto Tamar, para marcar os locais que as tartarugas colocam os ovos. Passamos uma noite – de carro – percorrendo as praias. Um trabalho cansativo e importante. De dia, vemos durante todo o trajeto as estacas colocadas pelo Tamar indicando o ponto de desova, a areia é lotada delas. As tartarugas voltam ao mar com o apoio do projeto.

Relembrei, também, das bolhas nos pés de pisar por um longo período na areia quente, das dores no quadril de caminhar na areia fofa e inclinada, da alegria da chegada e do descanso relaxante do banho de mar cálido.

Nestas escapadas, sempre me informo sobre a fase da lua para decidir o cronograma. É importante ser lua cheia ou nova tanto para a caminhada quanto para o mergulho no mar com os peixes. Um caminhar na água diferente, não como na obra *Going Nowhere 2*, de Simon Faithfull<sup>11</sup>, onde o artista caminha submerso na água. Aqui, uso o mergulho em apneia como uma forma de caminhar na água. É o movimento do corpo que faz meu deslocar no espaço aquático. Nesse espaço submerso que me desconecta totalmente do mundo urbano. Observo os peixes, moreias, polvos, lagostas, tudo lentamente e com movimentos leves, fluindo, deixando-me levar pela água.

Desde que vim morar na Bahia, as fases da lua se tornaram parte da minha vida. Baseio os mergulhos, a natação, a caminhada na areia e os treinos de remo nas fases da lua. Não saio de casa sem saber que lua é e quando será maré baixa ou alta<sup>12</sup>. Antes da vida “baiana”, a lua não tinha um papel tão importante para mim. As luas cheias sempre tiveram aquele poder hipnotizador, mas era uma surpresa o dia que iria chegar.

11 Obra no site do artista: <https://www.simonfaithfull.org/works/going-nowhere2/>.

12 Tenho a tabela da maré impressa na porta do escritório.

Agora, me sinto íntima dela, acompanho diariamente seus movimentos e fases.

Em “De areia e lua”, linhas imaginárias que conectam esses dois lugares criam o traçado da caminhada, marcadas pelos pontos do GPS. Não linhas desenhadas fisicamente nos lugares, como nas obras *The Gree Line*, de Francis Alys<sup>13</sup> e *A line in the Himalayas*, de Richard Long<sup>14</sup>. Aqui o desenho GPS se dá no vídeo, no momento de pintar os quadros desses passos.

“De areia e lua” (Figura 5) é a narrativa audiovisual de uma caminhada conectando pontos, criando linhas e conexões pessoais. A lua, ponto central dessa caminhada, está presente nas marés, nas piscinas naturais, nos mergulhos. A areia, local da incubação dos ovos das tartarugas por uns 60 dias e sentida nos pés descalços, nas bolhas, na sapatilha, é o terreno dessa caminhada. Algumas vezes fofa, outra dura, ela se estende como um tapete ligando os pontos, com milhares de grãos. A chegada não é importante, aqui interessa o processo, a conexão com esse lugar vasto e solitário. Impossível não sentir-se parte da natureza nessa areia, mar, maré, e luar.

### RECOPILANDO...

Depois do confinamento da perna quebrada, surgiu o “De lama e mar”, depois do confinamento no navio da Marinha, surgiu o “De gelo e musgo”, e depois de um ano de confinamento da pandemia, surgiu “De areia e lua”. Ao mesmo tempo, “De lama e mar” é baseado na conexão com a comunidade quilombola,

13 Obra no site do artista: <http://francisalys.com/the-green-line/>.

14 Obra no site do artista: <http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculpupgrades/himalaya.html>.



Figura 5.

Quadro do vídeo

“De areia e lua”.

Link: <https://vimeo.com/543782114>

“De gelo e musgo” é baseado na conexão com cientistas, “De areia e lua” é baseado na conexão com o subjetivo.

Para finalizar, agora, num segundo ano de pandemia e num segundo *lockdown*, vem novamente a reflexão se vamos sair mudados dessa fase. Krenak (2020, p.91) diz que “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”. Na minha visão – um tanto otimista da realidade – sinto que as pessoas estão mais necessitadas de atividades ao ar livre. Aumentou drasticamente o número de ciclistas nas ciclovias – mesmo que sejam apenas ciclistas de final de semana, já é um começo. A orla da cidade está lotada de caminhantes e corredores, as praias lotadas de remadores e de nadadores. Talvez, essa proibição de sair e o perigo de lugares fechados tenha aberto os olhos dos indivíduos para o espaço ao ar livre. O antigo medo e insegurança de caminhar pela cidade pode se transformar numa segurança de estar respirando ar puro. Vejo um pequeno começo de mudança depois desse confinamento da pandemia. O caminhar é um instrumento para formar cidadãos, desmascarar o medo e “capaz de produzir espaço público e agir comum” (CARERI, 2016, p. 171)

O projeto A Arte de Caminhar e a série de narrativas audiovisuais decorrentes do mesmo são formas de incentivar essa forma ancestral de interagir com o espaço, usando o corpo e o movimento como instrumento de percepção do nosso meio ambiente.

#### REFERÊNCIAS

AALTEN, A. “In the Presence of the Body: Theorizing Training, Injuries and Pain”. In: *Ballet. Dance Research Journal*, v. 37, n. 2, p. 55, 1 dez. 2005.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili, 2016.

BONDIA, J. L. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 41, n. 19, pp. 20-28, 2002.

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ENCARNACION, M. et al. “Pain Coping Styles of Ballet Performers”. In: *Journal of Sport Behavior*, v. 23, n. 2, p. 20, 2000.

EVANS, David. *The Art of Walking: A Field Guide*.

London: Black Dog Publishing, 2012.

GRANDE, John K. *Art Nature Dialogues: Interviews with Environmental Artists*. Albany, N.Y.: SUNY Press, 2004.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

O’ROURKE, Karen. *Walking and Mapping: Artists as Cartographers*. Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press, 2016.

SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

TAJET-FOXELL, B.; ROSE, F. “Pain and pain tolerance in professional ballet dancers”. In: *British Journal of Sports Medicine*, v. 29, n. 1, pp. 31-34, 1 mar. 1995.